

LIVRO FOTOGRÁFICO

NAMBI QUARAS

— E O RITUAL DA MENINA-MOÇA





APRESENTAÇÃO

O projeto do Livro Fotográfico “Os Nambiquaras e o ritual da menina-moça” tem como objetivo retratar e valorizar a cultura dos indígenas Nambiquaras, que vivem há centenas de anos em Rondônia e tentam preservar sua cultura através da realização deste ritual, que celebra a passagem de vida das jovens índias para a vida adulta. Para os indígenas, a continuidade desse ritual é a continuidade das tradições do próprio povo. Com danças e comidas, a festa marca a cultura de toda a tribo, pois todos participam da organização do ritual que começa por ocasião da primeira menstruação das adolescentes. Momento de novamente realizar o ritual da menina-moça.

O livro visa preservar a memória material e imaterial regional, valorizando a historiografia e o patrimônio cultural dos indígenas Nambiquaras.

O projeto do Livro Fotográfico “Os Nambiquaras e o ritual da menina-moça” foi contemplado no edital nº 86/2020/SEJUCEL-CODEC, 1ª Edição Marechal Rondon do Edital de Chamamento Público para Publicação e Difusão de Expressões Culturais, no Eixo I Publicação de Livros e Revistas Culturais – no Item I na linha de apoio de Publicação de Livros Inéditos – Individual com re-

ursos do “Governo do Estado de Rondônia/SEJUCEL/FEDEC/RO”, Lei Federal 14.017/2020 (Lei Aldir Blanc), Governo Federal.

Com distribuição gratuita nas bibliotecas, centros culturais e escolas públicas do Cone Sul de Rondônia, o livro pretende incentivar a leitura e permitir que os leitores conheçam os costumes, beleza e a riqueza cultural dos indígenas Nambiquaras, desenvolvendo assim o respeito e compreensão de outras realidades.

EXPEDIENTE

Livro Fotográfico Os Nambiquaras e o ritual da menina-moça

Coordenação geral: **Washington Kuipers**

Editora: **Andressa Machado**

Escritora: **Andréia Machado**

Pesquisador sociólogo: **Marcio Pereira Guilhermon**

Diagramador: **Enéas Santos**

Web designer: **Vanessa Santos**

Tiragem: **1000 exemplares**

Distribuição Gratuita

ÍNDICE

Indígenas Nambiquaras	4
O ritual da menina moça.....	8
Alimentação dos Nambiquaras.....	24
Mantendo a tradição.....	28
A importância do ritual da menina-moça.....	34
Agradecimentos	43



INDÍGENAS NAMBIQUARAS

É no meio da floresta que os indígenas Nambiquaras, que povoam Rondônia e o noroeste do estado Mato Grosso, estados localizados na Amazônia Legal, lutam para manter viva toda a sua cultura e tradição. Eles vivem em aldeias onde pescam, caçam e plantam seus alimentos de forma harmoniosa com a natureza.

Com uma vida simples e feliz, os Nambiquaras habitam tanto o Cerrado quanto a Floresta Amazônica e as áreas de transição entre estes dois biomas; no passado, se caracterizaram pela mobilidade espacial em seu território, buscando recursos naturais para a sobrevivência de seu povo.

Os Nambiquara têm preservado sua identidade ao longo dos anos, sem deixar de mostrar sua cultura para o mundo. O termo Nambiquara é de origem Tupi e pode ser glosado como “orelha furada” e foi criado a partir do contato dos indígenas com a Comissão Rondon no interior do Mato Grosso. Até aquele momento, eles eram conhecidos como indígenas “Cabixi”, porém, passaram a ser designados “Nambiquara”, termo pelo qual são conhecidos até hoje.

Os indígenas falam a língua da família linguística Nambiquara e o português, conseguindo se comunicar também com outras pessoas fora das aldeias, e isso facilita o comércio deles, que com o material das florestas fazem artesanato, como colares, pulseiras, flechas e cestos, que vendem em feiras nos municípios vizinhos às suas aldeias. Eles também comercializam produtos que cultivam nas aldeias, como banana, abacaxi e mandioca, entre outros.

É importante ressaltar que nas aldeias os indígenas têm acesso a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngue/multilíngue e comunitária, conforme define a legislação nacional que fundamenta

a Educação Escolar Indígena. O acesso à língua materna e suas tradições na escola é uma forma de manter viva a identidade cultural, passando assim os conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens.

Manter as tradições culturais é uma das preocupações dos mais velhos nas aldeias, por isso eles realizam o ritual da menina-moça, que celebra a passagem das índias para a vida adulta.








O RITUAL DA MENINA-MOÇA

Com a tradicional festa do ritual da menina-moça, os indígenas Nambiquaras passam as tradições aos mais jovens. O ritual celebra passagem da vida das garotas índias para a vida adulta.

Segundo o cacique Davi Tawandê, o ritual é muito importante, pois marca o rito de passagem das meninas para a vida adulta, para que jamais esqueçam o povo que pertencem, mantendo viva a cultura Nambiquara. Davi explica que as adolescentes Nambiquaras vêm ao longo dos anos passando pelo ritual que prepara as jovens para a vida adulta. O ritual faz parte da cultura Nambiquara e é considerado um momento inesquecível na vida dessas garotas. Para os indígenas, a continuidade desse ritual é a continuidade das tradições do próprio povo.

Com danças e comidas, a festa marca a cultura de



toda a tribo, pois todos participam da organização do ritual. De acordo com a professora indígena Ana Tawandê, o ritual exige esforços e envolvimento de toda a comunidade.

"São vários meses de organização, inclusive para receber os parentes de outras comunidades que são convidados a participar. Para a festa as cozinheiras prepararam carne, beiju e pescado, além de chicha de mandioca e milho, que são servidas durante o ritual, para manter a energia na roda de canto e dança durante toda a madrugada. O ritual é muito lindo e ficamos muito felizes em poder realizar e passar essa tradição para os mais jovens", conta a professora.

Ana Tawandê explica que o ritual começa por ocasião da primeira menstruação das adolescentes, momento de novamente realizar o ritual da menina-moça. Em uma reunião comunitária, convocada pelo cacique e os pais das meninas, todos decidem como serão os preparativos para a festa. Na ocasião, a comunidade se reúne para iniciar os preparativos da festa, que envolve a todos no cuidado com a roça, na realização de expedições de caça e pesca, no preparo dos ornamentos rituais e na articulação com parentes de outras aldeias para que venham e participem da festa.

Já a indígena Matilde Mamaindê explica que passar pelo ritual é muito benéfico para as mulheres. "Quando a menina passa pelo ritual ela fica mais saudável e evita que as jovens adoeçam agora ou em qualquer momento da vida. Dentro da oca, recebem orientações das mães e outras mulheres mais velhas sobre como se comportar como mulher, lições valiosas para o resto da vida. Esse é um momento das mulheres, tanto que os homens não entram na oca, onde a menina fica presa entre 3 a 12 meses, isso depende da escolha dos pais", fala Matilde. Durante o tempo da reclusão elas são alimentadas pelas mães na oca. Os homens são proibidos de entrar em contato com elas durante esse período.

No dia da festa, as meninas-moças são enfeitadas, para saírem da reclusão bonitas, explica Matilde Mamaindê. Ao entardecer, um padrinho, escolhido pelo

pai da moça, abre uma parte da oca, dá a mão a ela e a tira para dançar.

De cabeça baixa, a moça sai da casinha e entra na roda, formada por homens e mulheres, que cantam e dançam, alegremente, de mãos dadas, até o amanhecer, por mais de 12 horas seguidas, sem parar. Durante todo esse tempo, elas não podem levantar a cabeça. Os cânticos geralmente são desafios entre grupos, o que gera um clima de muita alegria, risos e gritos indígenas. Os jovens se divertem e os mais velhos dão o exemplo de resistência.

Quando o sol nasce, após quase 12 horas de danças e cantos, termina o ritual. As meninas são levadas para o centro da roda pelos padrinhos e são purificadas pelos pajés, para protegê-las contra doenças. Nesse momento, pintadas, enfeitadas e com as franjas cortadas, podem erguer a cabeça e olhar o mundo com outros olhos.

Quando surgem os primeiros raios de sol, os caciques e pajés colocam pedaços de beijus e peixe nas mãos das meninas-moças, como oferenda. Elas vão para o centro da roda e ficam ajoelhadas no chão. Este é um momento emocionante do ritual, quando o pajé autoriza que levantem o olhar, para ver a vida, para ver o sol, um novo ciclo que se inicia.

Os Nambiquaras sempre colocam entre as meninas-moças uma mais nova, para enganar os espíritos ruins. Essas devem voltar a passar pelo mesmo ritual, depois de menstruarem. Não podem fazer barulho nenhum. Então, essa é hora de ter consciência. As meninas merecem uma festa grande, festejar a idade que tem esse momento importante.

Depois que a moça Nambiquara passa pelo ritual, já pode se casar. Mas nem sempre é preciso fazer isso. Elas podem ainda estudar. A indígena Ana Mamaindê conta que foi emocionante ver a neta Hana passar pelo ritual. "Estou alegre em ver minha neta seguindo nossa tradição. Isso me faz lembrar do meu ritual e das minhas filhas. Fico feliz em saber que, apesar da modernidade, a tradição está sendo respeitada", ressalta Ana.

















ALIMENTAÇÃO DOS NAMBIQUARAS

Os indígenas Nambiquaras têm na floresta a sua fonte de vida, de onde retiram materiais para suas vestes, artesanato e alimentação.

Eles cultivam vários alimentos como abacaxi, cará, milho, urucum, mandioca, banana, entre outros em suas roças, que são partes essenciais da identidade deles e ajudam a promover a segurança alimentar e a conservação de seu território, mediante o uso sustentável da floresta.

Esses alimentos, além de fortalecerem a economia, também são importantes nas festas e rituais praticados pelos Nambiquaras, como o milho, a partir do qual é produzida a chicha, uma bebida fermentada consumida durante as festas e o ritual da menina-moça. Já da mandioca é produzido o biju, que é consumido pelos indígenas.

Nos rituais, as cozinheiras prepararam muito biju e pescado, além de chicha de mandioca e banana, servidas durante o ritual, para manter a energia na roda de canto e dança durante toda a madrugada.

Com suas roças familiares, eles mantêm as tradições e reconhecem a importância desta atividade para o cuidado de seu território, como conta o cacique Davi Tawandê, “Queremos aumentar a roça, mas

não vamos estragar o mato, temos que fazer uma coisa de bom tamanho que a gente vai poder plantar e dar conta”, explica ele sobre a forma de cultivar em as roças sem desmontar a floresta de forma sustentável.

As roças indígenas têm forte ligação com a cultura, e converge a prática das atividades tradicionais com a vida do indígena, como a pesca, a caça e a alimentação. O plantio de roças é uma sincronia muito íntima entre a conservação e a perpetuação da cultura, porque usando o território de forma tradicionalmente sustentável, os Nambiquara fornecem alimentação e bem-estar à suas famílias e proporcionam oferecimentos aos espíritos durante as festas e rituais como o da ‘Menina Moça’, que celebra a passagem das meninas para a vida adulta.

O conhecimento indígena no uso da terra é sábio. É assim que o povo Nambiquara demonstra ser um verdadeiro protetor de seu território: com o seu modo de vida tradicional, em que o uso dos recursos naturais é compatível com a conservação. Sempre plantando e cultivando, cuidando da terra e de sua floresta, eles produzem e vivem, perpetuando a cultura indígena respeitosa de seu entorno.





MANTENDO A TRADIÇÃO

Um dos grandes desafios para os indígenas Nambiquaras é encontrar o equilíbrio entre a necessidade de preservar a própria cultura e se adaptar às mudanças no mundo. Enquanto os mais velhos buscam a preservação dos antigos costumes, alguns índios mais jovens buscam mais inclusão e seu lugar no mundo.

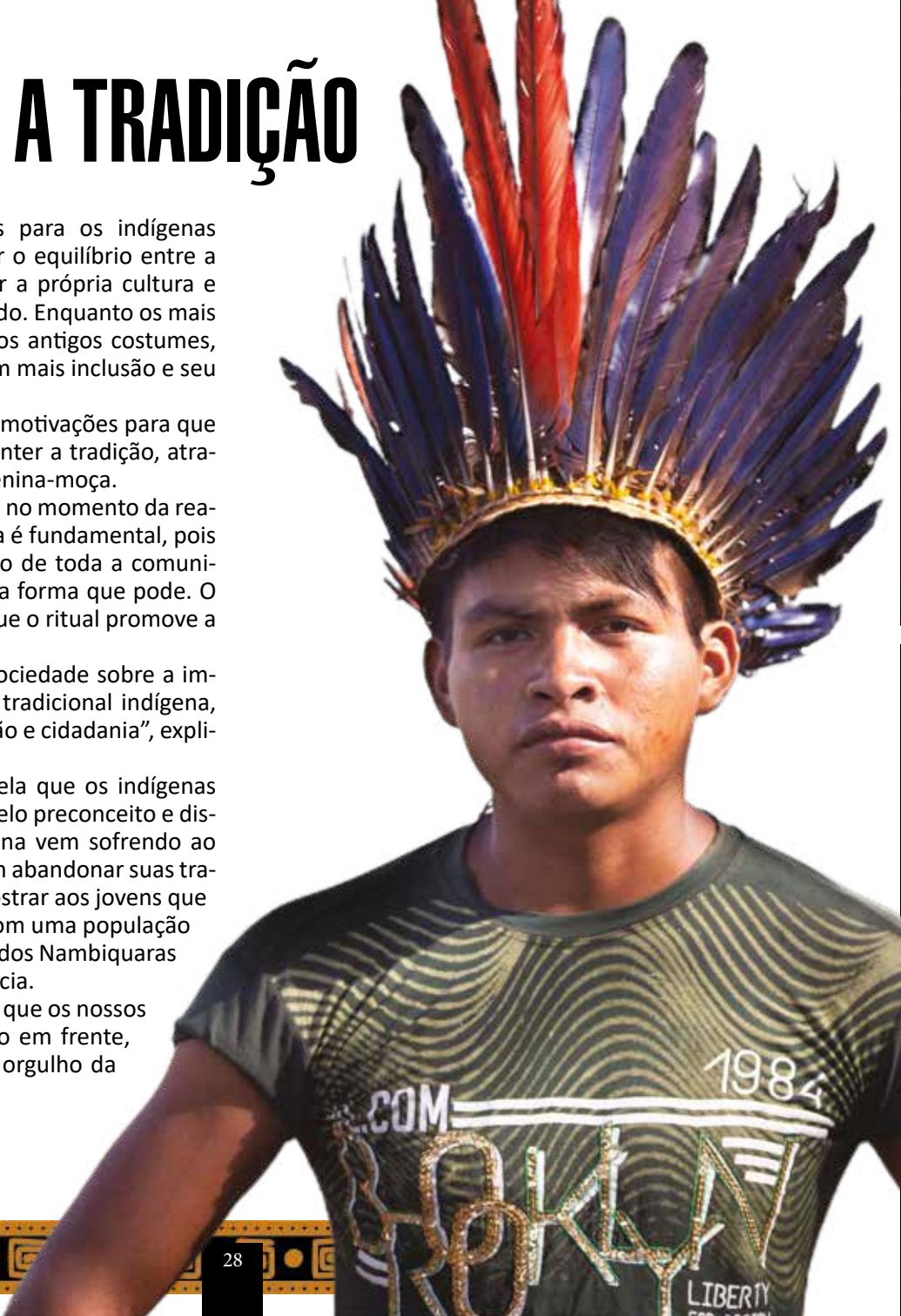
Essa preocupação é uma das motivações para que os indígenas trabalhem para manter a tradição, através da realização do ritual da menina-moça.

O apoio e a união das famílias no momento da realização do ritual da menina-moça é fundamental, pois o ritual conta com a colaboração de toda a comunidade indígena, que contribuiu da forma que pode. O cacique Davi Tawandê ressalta que o ritual promove a fé e a união tribal.

“Queremos conscientizar a sociedade sobre a importância de valorizar a cultura tradicional indígena, para garantir o respeito, a inclusão e cidadania”, explica Davi Tawandê.

O pajé Paulo Mamaindê revela que os indígenas mais velhos têm medo de que, pelo preconceito e discriminação que a cultura indígena vem sofrendo ao longo dos anos, os jovens possam abandonar suas tradições; por isso é importante mostrar aos jovens que o povo indígena tem tradição. Com uma população reduzida, manter viva a tradição dos Nambiquaras é, sobretudo, um ato de resistência.

“A gente tem que continuar o que os nossos antepassados faziam e levar isso em frente, preservando nossa cultura com orgulho da nossa história”, ressalta o pajé.









A IMPORTÂNCIA DO RITUAL DA MENINA-MOÇA

Participar do ritual da menina-moça é um momento único na vida das jovens indígenas Nambiquaras, que marca a passagem da vida delas de meninas para mulheres.

Este ritual tem como principal objetivo marcar o rito de passagem nessa fase da vida das meninas, para que jamais se esqueçam quem são e a que povo pertencem, mantendo viva a cultura Nambiquara.

A indígena Ana Mamaindê conta que sempre se emociona ao ver as jovens passando pelo ritual, se lembra de quando participou do ritual. “Estou alegre em ver minha neta seguindo nossa tradição. Isso me faz lembrar do meu ritual e das minhas filhas. Fico feliz em saber que apesar da modernidade a tradição está sendo respeitada”, ressalta Ana.

Já a professora indígena Ana Tawandê ressalta que a prática do ritual traz benefícios para toda a comunidade indígena.

“Fazemos uma festa linda com a participação de parentes de várias aldeias. Essas meninas não vão esquecer mais nunca desse momento. Não podemos perder essa tradição, porque a continuidade desse ritual é a continuidade do nosso povo. Agora todo mundo volta para casa e vai erguer a cabeça, contar para a família

que a festa foi bonita, que todo mundo comeu, todo mundo dançou, todo mundo cantou, tudo com alegria e respeito pela nossa cultura”, salienta a professora.

A jovem Hana Mamaindê conta que, dentro da oca, durante seu ritual, recebeu orientações valiosas para a vida toda de sua mãe e outras mulheres mais velhas, sobre como se comportar como mulher.

“Fiquei três meses na reclusão e foi um tempo de aprendizado, mas o bom foi quando chegou o dia da festa, ver a alegria de todos foi emocionante”, disse a jovem.

Nilo Tawandê conta que conheceu a esposa em um ritual da menina-moça. “A família dela falou comigo se eu tinha interesse em casar com ela, daí eu disse que era bom a gente se conhecer melhor e depois de alguns meses nos casamos”, disse o jovem.

Depois que a moça Nambiquara passa pelo ritual, já pode se casar, mas nem sempre é preciso fazer isso, muitas moças optam por estudar.

O pajé Paulo Mamaindê ressalta a importância do ritual para a comunidade. “A festa da menina-moça tem grande importância, porque um dia os velhos não vão mais estar aqui e os jovens vão manter o povo Nambiquara vivo, por isso passamos para eles os valores dos nossos antepassados”, afirma o pajé.











AGRADECIMENTOS

Agradecemos e parabenizamos a todos os indígenas Nambiquaras que, com garra, força e determinação lutam diariamente para preservar e valorizar a sua riqueza cultural, tradição e identidade. Vocês são guerreiros que ao longo dos anos ajudaram a escrever a história de Rondônia.

Dedicamos esse livro a cada indígena que, com alegria e simplicidade, mantém viva a tradição e a cultura Nambiquara, passando de geração em geração. Parabéns a todos!





Realização:



Patrocínio:



SEJUCEL
Superintendência da
Juventude, Cultura, Esporte e Lazer



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA MINISTÉRIO DO
TURISMO



O PROJETO DO LIVRO FOTOGRÁFICO OS NAMBIQUARA E O RITUAL DA MENINA-MOÇA FOI CONTEMPLADO NO EDITAL Nº 86/2020/SEJUCEL-CODEC, 1ª EDIÇÃO MARECHAL RONDON DO EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO PARA PUBLICAÇÃO E DIFUSÃO DE EXPRESSÕES CULTURAIS, NO EIXO I PUBLICAÇÃO DE LIVROS E REVISTAS CULTURAIS – NO ITEM I NA LINHA DE APOIO DE PUBLICAÇÃO DE LIVROS INÉDITOS – INDIVIDUAL COM RECURSOS DO “GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA/SEJUCEL/FEDECIRO”, LEI FEDERAL 14.017/2020 (LEI ALDIR BLANC), GOVERNO FEDERAL.